



ESCRITURAS E ARTES: FORMAS SIMBÓLICAS RELIGIOSAS ESPACIAIS

■ AVACIR GOMES DOS SANTOS SILVA*

Resumo: A categoria de espaço foi concebida quando o ser humano estabeleceu qualitativamente a diferenciação entre espaços sagrado e profano. Esta é a abordagem que norteia a escrita deste artigo a partir das contribuições teóricas de Eliade (2010), Rosendahl (2010), Corrêa (2007, 2013) Cassirer (1994) e Hobsbawm (2014). O nosso desafio é interpretar as formas simbólicas presentes na tradição religiosa das Folias de Reis. Dentre elas elegemos a “Visitação dos Magos”, retratada no Evangelho de Mateus e na tela de Albrecht Dürer (pintor renascentista alemão, do século 16). As re(invenções) dessa passagem bíblica contribuem para que o espírito natalino seja reatualizado, ritualisticamente, ao final e início de cada ano pelos devotos dos Santos Reis, os quais, guiados pela Estrala, acreditam na hierofania de Deus em forma de Menino.

Palavras-chave: Espaço Sagrado. Espaço Profano. Formas simbólicas, Folia de Reis.

Nossa Jornada (à guisa da Introdução)

Desde os primórdios o ser humano busca se diferenciar da natureza primeira. Esse distanciamento só foi possível por meio da cultura. Há um consenso sobre esta afirmativa, mas como ocorreu esse processo e qual a definição de cultura ainda são questões efervescentes nas arenas das ciências humanas.

Muitos definem cultura como a capacidade humana de se estender para além da estrutura corpórea. Esta compreensão é, aparentemente, resolvida. Pois segundo Eliade: “As mais antigas pedras que conhecemos foram trabalhadas para desempenhar uma função que não estava configurada na estrutura do corpo humano, como, por exemplo, a de cortar” (1983, p. 20). Além das ferramentas não prologarem os órgãos do corpo outros tantos animais utilizam de ferramentas com tais intenções. Logo, cultura vai além do uso dessa ou daquela tecnologia.

Outros apontam a vida em sociedade como elemento diferenciador da natureza. Há, no entanto, sociedades perfeitas entre muitas espécies de animais. Alguns indicam a capacidade comunicativa, o que também é perceptível entre outros seres vivos. Assim, diferenciar cultura por essas mediações apenas reforça a condição da pequenez humana frente a grandiosidade da natureza.

Dentre todas essas diferenciações o que nos permitem afirmar a cultura como elemento diferenciador é a dimensão simbólica. O ser humano transfere a um objeto, planta, lugar, tempo, pessoa, animal ou coisa qualidades que transcendem a forma primeira. Para Geertz as fontes simbólicas permitem ao homem a ordenação do mundo, “porque a qualidade não-simbólica constitucionalmente gravada em seu corpo lança uma luz muito difusa” (2008, p. 33).

Nesta reflexão procuramos identificar e interpretar quais são as formas simbólicas religiosas espaciais presentes nas Folias de Reis, envoltas no ciclo natalino, e seus respectivos significados. Para tanto, elegemos a “Visitação dos Magos”, representada em dois suportes textuais: o Evangelho de Mateus sobre e a tela de Albrecht Dürer, pintor renascentista do século 16.

Partimos do seguinte pressuposto: espaço e tempo são receptáculos da vida cotidiana. Ao simbolizá-los o ser humano transforma-os qualitativamente. Desta feita, as simbologias do sagrado (re)criam os espaços e tempos para além da dinâmica ordinária (ROSENDAHL, 2012), o que permite ao homem religioso, simultaneamente, localizar-se na vastidão do espaço profano e elevar-se em direção ao espaço sagrado.

As formas simbólicas espaciais religiosas: Inexorabilidade do existir humano

O ser humano, inexoravelmente, é um fazedor de símbolos. Ele está preso na floresta imaginária que plantou, ao tentar derrubar uma árvore nascem outras tantas enraizadas pela árvore matriz. Segundo Claval,

[...] os homens não podem, [...] viver sem dar um sentido àquilo que os cerca. Sua preocupação não é somente satisfazer as suas necessidades e a assegurar a transmissão do que sabem às futuras gerações. Eles lêem no céu e nos vastos horizontes o peso de forças cósmicas ou a presença do divino: ao profano da vida cotidiana opõe-se o sagrado dos lugares visitados ou habitados pelos gênios, espíritos ou príncipes invisíveis, mas que são mais verdadeiros que o mundo visível (2007, p. 203).

A necessidade de viver num mundo, espaço e tempo significados e de transformá-los em formas simbólicas é eminentemente humana. Essa não está restrita a produção bens simbólicos vistos como capital cultural para serem trocados ou comercializados (BOURDIEU, 2015). Os símbolos, muito mais, permitem a configuração religiosa, espacial e da própria existência humana.

No filme: “Náufrago” (2001), direção de Robert Zemeckis, Chuck Nola, interpretado por Tom Hanks, desenha um rosto humano numa bola de voleibol (marca Wilson). Nomeia o amigo imaginário de “Sr. Wilson”, com quem passa a conversar como velhos conhecidos. Esta forma simbólica salva Chuck da loucura da solidão, vivida numa ilha inabitada, onde a luta pela sobrevivência é travada diuturnamente (mundo caótico). A presença de outro ser humano e a possibilidade da linguagem (forma simbólica), possibilitam a reconstrução do caos em cosmos.

Espaços e itinerários sagrados, festas de santos ou padroeiros, procissões, romarias, hierofanias e teofanias, templos, igrejas, mesquitas, dioceses, ritos e rituais de passagens (batismo, matrimônio e sepultamento) são elementos configurativos das atividades e práticas do sagrado. Por meio deles é possível ao homem religioso pensar no real para não se perder na irrealidade. Pois acordo com a tese de Eliade: “em suma, o sagrado é um elemento na estrutura da consciência” (1983, p.13). Este pensamento é compartilhado por Cassirer, segundo o qual, as formas simbólicas atuam não apenas no campo sensível, mas agem sobre o intelecto. Assim, as sensações que identificam as formas de ordenações ocorrem em função de uma conformação cognitiva (CASSIRER, 1994).

Para este escrito, passamos a considerar formas simbólicas religiosas espaciais¹ (doravante FSREs) como a construção intelectual (material e imaterial), que comunica significados para além de sua forma primária. O sentido da comunicação dar-se-á,

especificamente, em contextos espacial e temporal, determinados, fora deles os significados se perdem ou serão outros tantos.

Em uma obra clássica, “A Interpretação das Culturas” (2008), por meio da etnografia, pensada como *descrição densa* Geertz nos ensina que o simples movimento de contrair a pálpebra e piscar um olho ganha significados diferentes ao se tratar de um tique nervoso (ato biológico involuntário) ou de uma piscadela, uma imitação (atos intencionais comunicativos). O ser humano é plural, vive entre a força da natureza que lhe é imposta e com a capacidade de recriá-la em forma de cultura, transformados em símbolos, mitos, rituais e ritos.

A materialidade e a configuração direta com as relações de poder são outras das dimensões das formas simbólicas apresentada por Geertz (2009). As forças simbólicas expressam e justificam a centralidade do poder. Este pensamento converge com o de Eliade: “as colunas e os pilares compartilhavam ao que parece o simbolismo cosmológico do *axis mundi*, atestado já desde a pré-história (1983, p.164). Assim, de acordo com Geertz,

No centro político de qualquer sociedade complexamente organizada [...] existe uma elite governante e um conjunto de formas simbólicas que expressam o fato de que ela realmente governa [...] elas justificam sua existência e administram suas ações em termos de um conjunto de estórias, cerimônias, insígnias, formalidades e pertences [...] São esses símbolos: coroas e coroações, limusines e conferências, que dão ao centro a marca de centro e ao que nele acontece uma aura não só de importância, mas de algo assim como se, de alguma estranha maneira, ele estivesse relacionando com a própria forma em que o mundo foi construído (2009, p.187).

Para o historiador das religiões não há estranheza entre o centro do mundo e o poder. Nele o sagrado se manifesta. Por conseguinte, é lá onde o rei se encontra e deve governar. As FSREs têm povoado o campo das ciências interpretativas, o que tem favorecido a geografia cultural, a geografia da religião e a geografia do sagrado. No entanto, segundo Corrêa: “a análise dos estudos sobre formas simbólicas espaciais implica na adoção de um fio condutor que direcione a análise, evitando que ela se torne dispersiva, sem pontos e contrapontos que possam contribuir para o encaminhamento de alguma sistematização” (2007, p. 12). Assim, na tentativa de sermos coerente com os ensinamentos do professor Roberto Lobato Corrêa, neste escrito adotaremos, para o

estudo das FSREs: a dialética da coexistência paradoxal dos opostos apresentada por Eliade (1989, 2010) e sistematizada por Rohden (1998).

Nessa proposta as formas simbólicas compõem o terceiro elemento triádico entre sagrado e profano. Elas delimitam a materialidade e garantem a racionalidade do sagrado, além de moldar os sistemas religiosos. De acordo com Geertz: “a religião é, em parte, uma tentativa [...] de conservar a provisão de significados gerais em termos dos quais cada indivíduo interpreta sua experiência e organiza sua conduta. Entretanto, os significados só podem ser ‘armazenados’ através de símbolos” (2008, p. 33). Sem os símbolos e as formas simbólicas religiosas o sagrado nos seria inefável. “Mas, se a palavra falta, a coisa existe: só que ele é ‘dita’, isto é, revelada de modo coerente: por símbolos e mitos” (ELIADE, 1988, p.18).

A metamorfose pela qual passa a coisa: bicho, planta, água, fogo, montanha, etc., transformada em sagrada foi o fenômeno religioso sobre o qual Eliade debruçou-se ao longo da carreira acadêmica. Para o entendimento dessa questão o historiador das religiões utiliza como exemplo o modelo da pedra. Segundo Eliade,

Entre muitas outras pedras, uma torna-se sagrada - e, por consequência, fica imediatamente impregnada de *ser-*, porque constituiu uma hierofania, ou porque possui um *maná*, ou porque sua forma reflecte um certo simbolismo, ou ainda porque comemora uma acto mítico, etc. (1988, p.18).

No rumo dessa lógica, na qual um objeto ou ato assoma-se um valor qualitativo vejamos como ocorre tal transformação; tendo como exemplo a forma simbólica da estrela, que aparece na bandeira dos grupos de folias de reis.

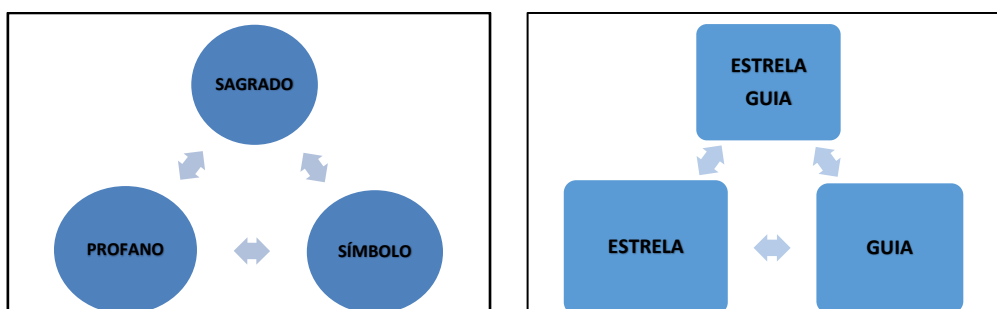


Figura 1: FSREs - Estrela = Estrela Guia

Fonte: organizadas pela autora (2018).

A estrela é uma forma simbólica recorrente em várias representações civis, sociais, geográficas, educacionais e segurança nacional. Nos grupos de Folias de Reis a estrela ganha o significado de Guia, aquela que conduziu nos tempos do nascimento do Menino Deus, os reis magos até Belém. Vejamos alguns desses significados, antes de descrever a Estrela como FSREs.

Na “Calçada da Fama” (Hollywood) os ídolos da cultura do entretenimento têm o nome inscrito no centro de uma estrela de mármore, fixada numa calçada que já atinge aproximadamente 3 km de extensão. As seleções de futebol (considerado o esporte mais popular do mundo) a estrela no uniforme marca o número de títulos conquistados. A Fábrica de Brinquedos Estrela, fundada no Brasil em 1937, mantém o ranking de maior empresa do ramo. As patentes dos generais (o mais alto escalão do exército) são marcadas pelo número de estrela fixado nos uniformes de gala. O desenho da estrela está presente nas Armas Nacionais do Brasil e nos símbolos cívicos americanos. O título dos melhores hotéis é ostentado pelo número de estrelas. Na Educação Infantil são dadas as crianças “estrelinhas”, as quais quantificam o rendimento escolar dos pequeninos. Os aplicativos na Web utilizam o símbolo da estrela na avaliação de prestação de serviço. O Banco Itaú, uma das maiores instituições financeira privada, possui cinco estrelas gravadas na logomarca. Os pontos cardeais e a bússola são formados a partir do desenho estelar. A estrela brilha na imaginação dos canceiros e poeta brasileiro: “em noite de céu apagado/desenho estrela no chão/ em noites de céu estrelado/eu pego as estrelas com a mão” (Pe. Fábio de Melo). Enfim, como forma simbólica a estrela é carregadíssima de significados e representações e positivas.

A partir dessas significações passamos a analisar como forma simbólica da estrela ganha a dimensão religiosa. Na figura 1 é apresentado o esquema da composição dialética do sagrado. O transcendente manifesta-se por meio da hierofania num dado profano, o qual sem perder a condição primeira, tem-le acrescido a segunda condição, forma simbólica religiosa. Uma estrela, “perdida” na imensidão celestial, não é mais que um entre tantos trilhões de pontos luminosos, que chegam até nossos olhos depois de não mais existirem. Quando esse elemento natural se torna materialidade manifestação do sagrado ganha significado religioso. Assim, a estrela transforma-se numa Guia, a mensageira da Boa Nova, do bom presságio, o nascimento da Nova Era, como é vista na narrativa bíblica dos magos que seguem a estrela rumo a encontro do menino Deus, tal como fazem os foliões das Folias de Reis na atualidade: “a representação de um acto primordial, de repetição de uma exemplar mítico” (ELIADE, 1988, p. 19).

A estrela, nos serve como exemplo, pois é uma forma simbólica recorrente em várias religiões: catolicismo, hinduísmo, budismo, candomblé, umbanda e no judaísmo (Estrela de Davi, Selo de Salamão). Segundo Eliade: “as crenças dos mesopotâmios, o Tigre tem o seu modelo na estrela Anunít e o Eufrates na estrela da Andorinha” (1988, p. 20). Para Eliade (1988, 1989, 2010), uma forma natural: pedra, montanha, árvore, manancial ou uma estrela, transforma-se em forma simbólicas religiosas quando o sagrado nela se manifesta e assim ocorre uma hierofania. Neste sentido, o sagrado, por meio das formas simbólicas, qualifica o mundo em cosmo, onde, originalmente, existia os caos.

A seguir analisaremos a narrativa de Mateus, sobre a visita dos magos (2: 1-20) e a tela de Albrecht Dürer, (1504). A estrela, como forma simbólica, aparece nos dois suportes explícita e implicitamente. Como é típico do sagrado: “a camuflagem é um elemento da própria manifestação do sagrado” (ROHDEN, p. 17, 1998).

A Estrela Guia: Forma Simbólica espacial religiosa hierofânica

Na tentativa de interpretar as FSERs analisaremos duas imagens: a estrela (céu) e o presépio (terra). A estrela como hierofania, por meio da qual o sagrado se anunciou aos Reis Magos, e o presépio como espaço da teofania, lugar de nascimento do Sagrado em forma Humana. Para esse entendimento recorreremos a Rosendahl: “apesar da onipresença de Deus, existem espaços que são mais sagrados do que outros” (2012, p. 27). Para Eliade, a revelação desse espaço sagrado nos permite,

[...] obter um ‘ponto fixo’, se orientar na homogeneidade caótica, ‘fundar o mundo’ e o viver realmente. Pelo contrário, a experiência profana mantém a homogeneidade e portanto a relatividade do espaço. Já não é possível nenhuma verdadeira orientação, porque o ponto fixo já não goza de um estatuto ontológico único: apenas aparece e desaparece segundo suas necessidades (2010, p. 27).

O sagrado, de tal forma, impõe ao espaço um ponto fixo, uma direção, uma centralidade, uma ordenação, uma configuração que garantem ao homem religioso não se perder na imensidão do mundo desprovido de sacralidade. Para tanto, o sagrado se deixa moldar em formas simbólicas, que serão transformadas em FSREs. Este processo ocorre: “quando estão diretamente vinculadas ao espaço (as formas simbólicas), constituindo-se em fixo e fluxos, isto é, localizações e itinerários, que são atributos primários da espacialidade” (CORRÊA, 2012, p.137).

Determinadas FSREs constituem-se de fixos e fluxos, classificadas entre fixas (localização) e móveis (itinerário) (CORRÊA, 2007). As igrejas, templos, mesquitas, sinagogas, santuários, acrópoles são exemplos de formas fixas. Por outro lado as simbologias moveis podem ser percebidas nas procissões, romarias, folguedos e festas de santos. Nos rituais das Folias de Reis, por exemplo, a Estrela, nos presépios possui uma materialidade fixa; nas Bandeiras contém uma forma móvel, que indica o itinerário das andanças dos foliões. Simultaneamente, a bandeira e a estrela significam as FSERs que abrem, guiam e iluminam o caminho dos foliões.

Dentre as inúmeras FSERs presentes nos rituais das Folia de Santos Reis interpretaremos a narrativa de Mateus (2: 1- 20) e as representações artísticas da Visitação dos Magos, as quais ganharam materialidade nos presépios montados nas igrejas, estabelecimentos comerciais, nas residências e nos espaços públicos.

As festas natalinas são plenas de FSERs: presépio, árvore e ceia de natal. A família reunida em torno da farta mesa (de preferência na casa da matriarca); o velho Papai Noel esperado pelas crianças; o traje de roupas vermelhas; as trocas de presentes; as novenas, as Folias de Reis; as guirlandas natalinas penduradas em portas e janelas; as mensagens de feliz natalidade (antigamente enviadas em cartões impressos e agora socializadas nas redes sociais); as brincadeiras de amigos secretos; a Missa do Galo; as canções, filmes, as encenações teatrais e apresentações de corais; as ruas, praças, casas, lojas comerciais e igrejas iluminadas são marcas (materialidades e

comportamentos), que imprimem no tempo e espaço a exuberância, encantamento, magnitude e mistério do sagrado.

Durante os festejos natalinos é quase impossível não ser tocado por alguma dessas FSREs. As pessoas se aproximam mais, trocam presentes, felicitações, socializam e tornam-se mais solidárias, embelezam-se e são mais felizes (ou tentam aparentar maior felicidade). De forma poética Moraes Filho descreve as lindezas das noites natalinas vividas nos tempos do Brasil colonial: “Aí, a Noite de Natal ainda é uma reminiscência que consola, um sonho de quem adormece em sua pátria ao perfume inebriante e selvagem das mangueiras em flor” (1979, p. 49).

No decorrer de todo o ano civil o sagrado está camuflado (RODHEN, 1998), mas no tempo e espaço natalino, da mais singela lapinha a mais exuberante catedral, da árvore de plástico ao canto de um barraco a árvore de natal mais esplendorosa², do som e brilho do estouro de um rojão ao mais reluzente e estrondoso show pirotécnico, o sagrado explode sua potencialidade. De onde vem essa carga simbólica capaz de transformar pessoas, tempos e espaços?

A origem dos festejos natalinos nos remete aos tempos das práticas politeístas. Na Roma Antiga os povos “pagãos” comemoravam a chamada festa do Sol Invencível (Natalis Solis Invicti), realizada entre 22 a 25 de dezembro, quando o fenômeno solstício de inverno, no hemisfério norte deixava o dia mais curto. Ao estudar os mitos sobre a criação do mundo Eliade nos apresenta os rituais de sacrifícios realizados em nome do Sol, o deus Mitra,

Fazemos sacrifícios ao eterno e resplandecente Sol dos cavalos velozes. Quando a luz e o esplendor do sol se aquecem, levantam-se os celestiais Yazatas às centenas e aos milhares, ele reúne a Glória do sol, derramam-na sobre a terra criada por Ahura para que se aumente as criaturas santas, para que se propague eterno e resplandecente o Sol dos cavalos velozes (1995, p. 131).

A festividade natalina em 25 de dezembro foi oficializada pelo Papa Libério somente no ano 354 d. C., a fim de substituir os festejos ao deus Mitra. Assim, para os estudiosos da história da religião a Igreja Católica fez uso da “cristianização” da festa pagã para se fortalecer como religião oficial do Império Romano.

A popularização da festividade natalina, mantida na atualidade, tem por fonte a versão bíblica do Evangelho de Mateus (2: 1-20), que narra a viagem dos magos do Oriente até o Ocidente, até Belém da Judéia. Uma história que encantou os primeiros cristãos e que continua a nos encantar depois de XXI séculos. “Confesso que, ao longo da minha vida, sempre tive uma fascinação pelas festividades do Natal, com as tradições do nascimento e da infância de Jesus, e com a história dos Magos e sua estrela em particular” (LANDAU, 2013, p. 15).

A narrativa de Mateus, que popularizou a viagem dos Reis Magos do oriente ao ocidente, é composta pelo extraordinário, o não dito e as metáforas que tornam a descrição uma aventura fantasmagórica. Quem foram os magos? Eles se conheciam ou não antes da viagem? De que região do oriente eles vieram? Quantos eram? Por que resolvem seguir uma estrela? Eles eram negros ou brancos? Viajaram em caravanas ou sozinhos? O que comiam, bebiam e onde dormiam? Quantos anos tinham? Eram reis ou astrônomos? Por que uma estrela apareceu a eles? Por que encontram o rei Herodes? Quantas vezes a estrela aparecia e desaparecia? Por que os magos viram apenas Maria e Jesus? Onde estava José naquele momento? Maria e Jesus estavam em uma gruta, estábulo, caverna ou numa casa? Os magos eram ricos? Que presente cada um deles levou? Os presentes foram ou não aceitos? Todos os magos sonharam o mesmo sonho que advertia sobre a volta por outro caminho? Que caminho foi este? A estrela os guiou de volta? Quanto tempo levou a viagem (ida e volta)? O que aconteceu aos magos depois do retorno a terra natal? Por que a narrativa da viagem dos magos não aparece em outros escritos evangelistas?

Questões em aberto são típicas das escrituras religiosas e marcam uma das características do sagrado, mostrar-se de forma implícita. Muitas obras foram produzidas na tentativa de preencher lacunas ou buscar os significados daquelas lacunas. A título de exemplo citamos: “Os manuscritos perdidos dos Reis Magos” (2013), que o professor Landau (Universidade de Oklahoma) encontrou o único exemplar na Biblioteca do Vaticano e “No rastro das estrelas” (2010), de Torrado (Diretor da Sociedade Portuguesa de Autores), que recria o tão esperado encontro dos reis magos: “lá se vão os três reis peregrinos, cada qual pelo seu caminho, cada qual com sua carga de esperança, todos os três de olhos fixos na estrela redentora, alçada ao apogeu da noite” (TORRADO, 2010, p. 131).

Em vista da força simbólica da narrativa de Mateus, fonte de inspiração para os grupos de Folias de Reis espalhados pelo território brasileiro, durante o período de 24 de dezembro até o dia 06 de janeiro, (Rio de Janeiro, no transcorrer de todo o ano, a exceção do período da quaresma), passei a ensimesmar sobre os elementos que permitem o reconhecimento da escrita do evangelista como uma FSREs. Revolvi ir a campo e ouvir o que as pessoas pesavam a respeito. Não poderia apresentar uma cópia da passagem de Mateus e solicitar que elas me dissessem o que texto “queria dizer”. Era preciso inverter a lógica: transformar o comum no extraordinário. Assim, inspirada no ensaio do antropólogo Horace Mitchell Miner: “Ritual Corporal entre os Nacirema”³ (1956), transpus o texto de Mateus do suporte narrativa bíblico para o suporte narrativo lendário, que intitulei de “A lenda dos Sogam Sier.

Em um tempo distante, numa noite muito escura, a mais longa que já existiu, os *Sogam*, povo habitante da região *Etneiro*, avistaram no céu uma luz tão brilhante que a noite se transformou em dia. Os *Sogam Sier* deslumbraram apavorados aquela luz pupulante.

Na terceira noite, os *Sogam* foram ao local onde a luz havia parado. Quando chegou o 12º homem, ao pé da montanha, ouviram a voz vinda da luz: “*etnedico, ier, raro da*”. Muitos deles não entenderam e fugiram, ainda mais apavorados.

Os *Sogam Hior*, *Spar* e *Zar* não se conheciam, mas resolveram preparar as caravanas, os camelos, provimentos, barracas, armas e esconderam seus bens mais valiosos entre os alforjes, pois sabiam que a volta para *Etneiro* iria demorar muitas luas.

Os *Sogam* seguidores da luz partiram. Andaram por noites e noites sem fim, quando se perdiam na escuridão do deserto a luz resplandecia e eles novamente se alegravam.

O pão, a água e o vinho que *Sogam Sier* haviam reservado para a jornada não acabavam nunca. Eles não adoeciam e nem tão pouco envelheciam, as feras não os atacavam e os saqueadores não os perseguiram. Depois de 12 luas, das noites mais escuras eles chegaram em uma caverna. Ao entrar avistaram uma criança-estrela.

Os *Sogam* foram tomados por imensa euforia: pulavam, riam, cantavam, dançavam, choravam, corriam e se abraçavam. Eles entregaram os tesouros a criança-estrela. Ela sorria, corria e dava cambalhotas sem parar. O cheiro de *arrim* se espalhou e da abóboda celeste desceu profundo silêncio. Então se fez ouvir a voz: “ide, a luz brilhará convosco sempre”.

Os *Sogam* voltaram para casa. Todos acreditavam que eles haviam morrido com os 9 homens que, misteriosamente, se lançaram no precipício. Depois que *Sogam Sier* contaram a multidão o que havia acontecido com eles durante a longa viagem, os doentes saravam ao tocar suas vestes, os velhos rejuvenesciam ao apertarem suas mãos, o pão e o vinho por eles abençoados se multiplicavam, os presentes dados a criança-estrela eram tirados aos borbotões dos alforjes. Durante 12 dias o povo viveu em pleno regozijo. A alegria vinda daquele ser luminoso se estendeu por toda a terra do *Etneiro*.

Figura 02: A lenda dos *Sogam Sier*

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Por meio da paráfrase mantive a estrutura originária do texto de Mateus e agreguei elementos do “Manuscritos perdidos dos reis magos” e do imaginário popular dos Foliões das Folias de Reis. De posse do material realizei uma pesquisa de campo para verificar se em outro suporte narrativo o texto bíblico seria ou não reconhecido e quais os elementos permitiriam tal reconhecimento. A atividade foi realizada junto aos acadêmicos e funcionários da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Alguns participantes optaram por ler o texto e a maioria solicitou que eu o lesse. Na figura 03 apresento o resultado da pesquisa.

Total de participantes da pesquisa = 49 pessoas
Não reconhecerem o texto = 46
Elementos que reconheceram (Item 1)
Milagres; presentes; estrela; 12 apóstolos; mitologia; tribo; grupo de índios; povo nômade a procura de novas terras; pão e vinho; tesouros; criação do mundo; mito grego, desbravadores; culto ao garoto; povos escandinavos; peregrinação, divindade, forças sobrenaturais, luz como sinal de salvação, cristianismo; moral; filosofia; teoria; medo e preconceito; fé e esperança.
Reconhecerem o texto = 03
Elementos que reconheceram (Item 2)
História de Jesus; nascimento de Jesus, reis magos.

Figura 03: Quadro do resultado de reconhecimento da narrativa bíblica

Fonte: Trabalho de campo (2018).

Após a leitura solicitava as pessoas que indicassem os elementos que elas reconheciam. No item 1 estão os aspectos que permitiram o reconhecimento do texto como uma narrativa sagrada, mesmo sem a identificação com a passagem do Evangelho Mateus. No item 2 estão os elementos apontados como reconhecimento da narrativa da viagem dos Reis Magos.

No terceiro momento da pesquisa solicitava as pessoas que lessem as seguintes palavras de trás para a frente: *Sogam Sier; Etneiro; “etnedico, ier, raroda”; arrim; Hior, Spar e Zar*. Estas palavras espelhadas (escritas de trás para frente) são: reis magos, oriente, “adorar, rei, ocidente”; mirra e as três letras finais dos nomes de Bechior, Gaspar e Baltazar (Reis Magos). Paulatinamente, por meio o exercício cognitivo, a mensagem textual ia se revelando até no momento exato que as pessoas exclamavam deslumbradas: “nossa, é a história dos magos!”; “incrível!”; “nossa que legal!”; “estou atordoado! “gostei muito”.

Eis aí a magia do sagrado, que se revela aos pesquisados e a pesquisadora. Quando a hierofania ocorre uma cortina se descerra e permiti ao observador ver aquilo que não via, mas ao ser visto parecia tão obvio, como compôs Caetano em forma de poesia e música: “Era uma mensagem, lia uma mensagem /Via o que é visível, via o que não via/Que as coisas conversam surpreendentes/E que o mesmo signo que eu tento ler e ser”. Frente a hierofania há duplo sentir: euforia e confiança⁴. O primeiro por visualizar a manifestação e o segundo pela confirmação da presença do sagrado. Vejamos como esse duplo sentir do sagrado foi expresso em outra FSREs.

A narrativa de Mateus (Novo Testamento) revela a profecia (Velho Testamento) do profeta Miquéias: “Mas tu, Belém, da terra de Judá, de forma alguma és a menor entre as principais cidades de Judá; pois de ti virá o líder que, como pastor, conduzirá Israel, o meu povo” (Mq: 5-2). Esta passagem ganha novas formas simbólicas nas esculturas, monumentos e nas artes plásticas: pinturas, entalhes, mosaicos e afrescos. A mais antiga delas é uma escultura em pedra em baixo relevo, do século 4, na Igreja de Sant’Agnese (Roma). Vejamos no próximo item como as artes contribuíram para popularização das FSREs natalinas.

Presépio: Forma Simbólica Espacial Religiosa da Teofania do Sagrado

O nascimento de Jesus Cristo será atestado pelas narrativas evangelistas e pelas artes plásticas, as quais se popularizam nos cartões natalinos. Estes contêm entre tantas cenas a viagem dos três reis magos; Maria, José e o Menino Deus; a manjedoura; os pastores; os anjos; os animais e a estrela. Estas paisagens vão se alternando ao bel prazer dos artistas. Antes da inovação das redes virtuais, enviar e receber cartões natalinos impressos era uma prática comum. As pessoas aguardavam ansiosas o recebimento deles via correios, depois de recebidos eram pendurados nas árvores de natal. Quanto maior o número de cartões recebidos maior era o prestígio social do destinatário. Os cartões eram comprados em papelarias ou bancas de revistas e as mensagens de felicitações deveriam ser escritas (com caneta esferográfica) com caligrafia esmerada. Ao receber um cartão a pessoa se via obrigada a enviar outro ao remetente, no mesmo ano ou no ano vindouro. Um verdadeiro rito da economia das trocas simbólicas religiosas natalinas.

Uma dessas forma simbólica religiosa do testamento da teofania do Menino Deus apareceu-me de forma inusitada, por ordem do acaso. Numa noite fria, numa pousada singela em Copacabana (Rio de Janeiro), num pequeno quarto, deparei-me com uma gravura da Visitação do Reis Magos. Fiquei encantada com o pequeno quadro e fotografei-o de imediato. No outro dia fiz uma postagem no *face-book*, para ver quantas pessoas reconheceriam aquela pintura. Para minha surpresa, ninguém a identificou com referência à visita dos reis magos ou o nascimento de Cristo (Ver figura 4). Fiquei encabulada: por que uma imagem tão evidente para mim não era percebida pelas outras pessoas? Por que uma forma simbólica religiosa é reconhecida por uns e não para outros? Por que nas formas simbólicas uns elementos se sobressaem em detrimento de outros? Como uma forma simbólicas se mostra e se esconde simultaneamente? Quais elementos permitem ou não o reconhecimento de uma forma simbólica religiosa? Este reconhecer estaria agregado ao capital cultural ou ao capital religioso? Como as formas simbólicas são (re)inventadas e reatualizadas? Na tentativa de compreender tais questões fui pesquisar um pouco mais e descobri coisas surpreendentes.

A *priori* pensava que a pintura era desenho de um artista anônimo, cuja obra era de domínio público, como tantas outras pinturas dos cartões natalinos. Ledo engano. A tela em pauta pertence ao artista renascentista alemão Albrecht Dürer, produzida em

1504. A obra está localizada na Galeria de Uffizi, em Florência. A técnica utilizada é o óleo sobre o painel com a dimensão de 100x114 cm. De forma descritiva, no primeiro plano, ajoelhado na frente do menino Jesus se encontra Gaspar, o mais velho deles dos três reis magos, que entrega um baú de ouro como presente. A direita está o Baltasar, o rei negro, que presenteou o menino Deus com um cálice de mirra e ao centro no segundo plano está a imagem de Melchior, que tem nas mãos um cálice de incenso. A figura deste último é utilizada pelo artista Dürer em forma de autorretrato. A semelhança entre Melchior/Dürer foi apontado pelos pesquisadores e que passou despercebido para mim no primeiro contato com a pintura.



Figura 04: Adoração dos reis magos - Artista: Dürer (1504).

Fonte: Site Wahooart, 2018.

Ao tempo desses estudos fiz outra tentativa de postagem no *facebook*. Junto a pintura de Dürer postei a fotografia de um cartão natalino, uma forma simbólica mais divulgada nas redes sociais e disponibilizadas nos mais variados tipos de cartões natalinos (Ver figura 05).

De posse das figuras impressas mais uma vez fui a campo. Para mudar totalmente o foco do primeiro público alvo, acadêmicos e funcionários da UERJ/RJ, resolvi realizar a pesquisa no Barra Shopping⁵, tendo em vista que esse é um espaço repleto de FSREs. O shopping center, segundo o professor Côrrea, visto como forma

simbólica espacial além de atributos mercadológicos, possui também atributos simbólicos associados ao status social agregado a isso à beleza cênica (CORRÊA, 2013). Assim, nada mais emblemático: o estudo de uma FSRE móvel inserida em outra forma simbólica espacial fixa.



Figura 05: Cartão Natalino – Tema: Nascimento do Menino Deus.

Fonte: Site do Joseinaciov, 2015.

Na segunda pesquisa de campo empreguei os seguintes procedimentos. Primeiro escolhi como espaço da entrevista as passarelas do shopping⁶. Além disso, abordei pessoas que estavam sentadas nos bancos e cadeiras dispostas nos corredores. Deduzi que assim elas estariam mais predispostas a me ouvirem. Após o aceite em participar da pesquisa estendia a figura da pintura de Dürer para que a pessoa a visualizasse à vontade. Quando a foto me era entregue perguntava quais elementos a pessoa reconheci naquele desenho. Em sequência, apresentava a segunda figura e fazia a mesma pergunta; num terceiro momento mostrava, simultaneamente, as duas figuras. Vejamos os resultados apresentados a partir da visualização da pintura do artista Dürer (Figura 06).

Total de participantes da pesquisa = 60 pessoas
Não reconhecerem o texto = 52
Elementos reconhecidos (Item 1)
Vestimentas; cena de batismo; família; avô; criança cuidada por adultos; um velho enfeitado por uma criança; imagem de tempos antigos; Jesus Cristo.
Reconhecerem o texto = 08 (Item 2)
Presépio; nascimento de Jesus, três reis magos, Jesus na manjedoura.

Figura 06: Quadro do resultado de reconhecimento da pintura de Dürer

Fonte: Trabalho de campo (2018).

Inicialmente, a grande maioria, 52 pessoas não reconheceram na obra de Dürer referências a visitação dos Reis Magos e nem tão pouco ao presépio ou ao nascimento de Jesus. Esses elementos foram apontados de imediato por apenas 08 pessoas. Mas o primeiro grupo foi capaz de identificar elementos que estavam relacionados ao contexto religioso. Dentre eles, o mais intrigante foi que 18, 3% dos entrevistados indicaram que a personagem central seria Jesus Cristo. Eis aí um elemento que até então não tinha me atentado e que abordarei adiante.

Quando apresentei as duas figuras: da tela de Dürer e do cartão natalino, simultaneamente, as pessoas foram tomadas por encantamentos, admirações, espantos, surpresas, euforia e alegria, reações idênticas quando descobriram que “A lenda dos *Sogam Sier*” era uma outra versão da narrativa da viagem dos magos.

A partir dessa segunda constatação pontuamos quatro caracteres das FSREs: i) a revelação do sagrado provoca sentimentos e emoções; ii) elas garantem a ideia de identidade e pertencimento à aqueles que a reconhecem (ou não) como portadoras de sacralidades; iii) o entendimento ocorre mais em função dos arquétipos do que do acontecimento; e, iv) elas necessitam ser (re)inventadas⁷ para manter, ao longo dos tempos, a essência daquilo que são, invólucro do sagrado.

Vejamos em específico cada um desses aspectos. Primeiro, independente do suporte material das FSREs a revelação do sagrado provoca no indivíduo sentimentos e emoções. A hierofania do sagrado pode se valer de diferentes formas: estrela, árvore, montanha, cachoeira, uma caverna, animal ou pessoa. As representações *in illo tempore*, o tempo cósmico da criação (ELIADE, 1988), sejam fixas: artes plásticas, esculturas,

monumentos ou símbolos; ou moveis: festas, procissões itinerárias, possibilitam o reconhecimento dos elementos sacros. Este reconhecimento é manifesto por meio de sentimentos e emoções⁸: andar, correr, cantar, festejar, chorar, sorrir, pular, dançar, abraçar ou adorar são manifestações daquele que se sente confiante e protegido diante do sagrado, e não cabe em si de tanto contentamento.

Quanto ao segundo caractere, percebemos que as FSREs garantem a ideia de identidade e pertencimento àqueles que a reconhecem, ou não, como portadoras de sacralidades. Passei a compreender este aspecto pelo contato direto com os pesquisados, pois do conjunto dos que reconheceram as figuras, as pessoas sentiram necessidade de expressar que religião pertenciam. Como afirmava Bonnemaizon: “um geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão, que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos, assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade” (2012, p. 292). Assim, quando perguntava o que estava posto nas figuras que permita tal relação as pessoas fizeram menção a religião que professavam. Tal afirmação foi realizada por católicos, evangélicos, budistas e kardecistas. Elas reafirmavam sua fé, com sentimento de orgulho estampado no rosto.

O terceiro caractere das FSREs, o entendimento destas ocorre mais em função dos arquétipos do que acontecimentos, porque a memória popular tem dificuldades com em aceitar história factual. Esta tese é apresentada na famosa obra: “O mito do eterno retorno” (1988), de acordo com Eliade,

em vez de acontecimentos, arquétipos em vez de personagens históricos. A personagem histórica é assimilada ao modelo mítico (herói, etc.) e o acontecimento é integrado na categoria de acções míticas (lutas contra um mostro, combate entre irmãos etc.) (1988, p. 58).

Em função dessa habilidade as pessoas, em geral, não reconheceram na “Lenda dos Sogam Sier” e na pintura de Dürer o fato do nascimento de Cristo ou da Adoração dos Reis Magos, mas sim os elementos arquétipos reproduzido nas FSREs: mito da criação do mundo e da terra prometida; milagre da multiplicação; renovação pelo batismo; ritos de salvação; a luta contra forças sobrenaturais, medo e preconceito; fragilidade e encantamento infantil (Ver figuras 4 e 5). Quando as pessoas visualizaram

o cartão natalino, automaticamente elas fizeram referência ao Nascimento de Cristo e não aos arquétipos. O que marca a força da história, pois: “Quando Deus se encarnou em Cristo, teve que falar o aramaico, agir como um hebreu: a sua mensagem por mais universal que fosse, estava condicionada pela história do povo hebreu” (ROHDEN, 1998, p. 22). A partir dessa historicidade o calendário gregoriano (1582) convencionou a contagem do tempo em a.C (antes de Cristo) e, d.C (depois de Cristo). Desta feita, passamos do esquecimento dos arquétipos para a assimilação do tempo histórico⁹.

No quarto caractere confirmamos que as FSREs são (re)invenções. Segundo Hobsbawm, para compreensão da invenção das tradições o: “mais interessante, do nosso ponto de vista, é a utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastante originais” (2014, p. 13). Propomos uma inversão. Assim, o mais interessante, do nosso ponto de vista, é utilização de elementos novos na (re)elaboração de antigas tradições inventadas.

Para confirmação da nossa hipótese passamos a análise a obra de Dürer, “a visitação dos magos”, com base nos ideais renascentistas, contexto histórico no qual a obra foi produzida. O Renascimento como um todo, e em especial as artes plásticas, foi um movimento europeu que procurou a glorificação do passado da cultura greco-romana. Ele é uma (re)invenção do passado (HOBSBAWM, 2014). Vejamos com as técnicas renascentistas: a perspectiva, o jogo claro e escuro, o realismo e o retrato foram utilizados por Albrecht Dürer.

Na obra: “A adoração dos reis magos”, é utilizado é o óleo sobre o painel. Este estilo marca o nascimento da pintura renascentista. Aliada a técnica do óleo, por meio dos princípios da matemática e geometria, os artistas inauguram a arte de figura (*perspectiva*). A partir de então, os pintores passaram a dominar as proporções da distância entre os objetos nas pinturas ou desenhos. Uma espetacular descoberta foi a pintura do rosto e o semblante visto de frente. Para os entrevistados, o semblante do mago no centro da pintura, foi o elemento principal de identificação daquele personagem como sendo o próprio Jesus Cristo.

A utilização do claro-escuro: a composição de áreas iluminadas e sombreadas forma o jogo de contrastes, que reforça a sugestão de volume dos corpos. Na pintura de Dürer o claro e escuro, muito mais que uma técnica, pode ser lida como a representação espacial dos espaços-mundos: a Europa em “Trevas”, em decadência (pano de fundo); o

claro como a idade áurea da civilização greco-romana (plano de frente), que aponta o futuro, como a luz que deve guiar os caminhos da humanidade rumo a novas conquistas e descobertas.

O realismo é o elemento mais importante para a análise das FSREs. As artes renascentistas provocaram o deslocamento entre as figuras Deus e o homem. O homem sai, aos poucos, da condição de contemplação da grandeza divina e da natureza, e passa a ocupar o centro do mundo. Este deslocamento é perfeito na arte de Dürer. As figuras dos Reis Magos estão no centro da tela, no primeiro plano, enquanto as figuras de Maria e o Menino estão recuadas à esquerda. As quatro figuras adultas formam dois triângulos superpostos; nos quais, o homem ocupa ápice tanto superior quanto invertido. O que revela uma clara tentativa do realismo de trazer para o homem a própria responsabilidade de ser e estar no mundo. De tal forma, o ideal realista não promove a dessacralização, mas sim o deslocamento do sagrado para o espaço secundário. Até o título da obra de Dürer é característico desse movimento: “Visitação dos reis magos”. A ênfase passa a ser o ato humano e não mais a contemplação de uma teofania.

O quarto elemento que passamos a abordar a partir da genuinidade do artista renascentista é o retrato. De acordo com Burke,

A consagração do retrato como gênero independente foi uma das tendências animadas pelo exemplo da Antiguidade. Os retratos do século XV eram habitualmente pintados de perfil, como se imitassem as cabeças dos imperadores nas moedas romanas, e eram em regra geral cortadas um pouco abaixo do ombro, como se fossem equivalentes aos antigos bustos de mármore. Foi apenas por volta de 1500 que Leonardo, Rafael e outros artistas se emanciparam desta convenção para produzir obras sem precedente clássico que mostravam o rosto do retratado de frente ou a três quartos, de meio corpo ou corpo inteiro, sentado ou de pé, conversando com amigos ou dando ordens aos criados (2008, p. 21).

Albrecht Dürer (Nuremberg, 1471 a 1528) é considerado um dos principais artistas de retrato na Alemanha. Em suas pinturas religiosas recorria constantemente a figura do autorretrato, na condição de observador central da cena. Na tela a óleo: “A visitação dos reis magos” (1504), Dürer não apenas utilizou a pintura para seu autorretrato, mas como bom pintor renascentista, também se retratou na própria imagem de Jesus Cristo. Quando as pessoas que entrevistei olhavam a pintura de

Dürer, uma parte significativa delas identificaram esse personagem como sendo Jesus Cristo. Então perguntei quais os elementos permitiam reconhecer aquela imagem como sendo de Cristo, ao que elas responderam: o porte físico, o tamanho do cabelo e o semblante melancólico. Assim, a FSRE representada por Dürer está repleta de mistérios: o autorretrato do autor, é imagem dupla do sagrado, retratado na figura do Deus-criança e no Jesus-adulto. Creio que Dürer ficaria feliz se pudesse ver os efeitos da obra dele, depois de passados cinco séculos de história.

O renascimento deslocou o sagrado para um plano secundário. No entanto, outros elementos vão promover o retorno do sagrado a centralidade. A igreja, como detentora do monopólio da gestão do sagrado (BOURDIEU, 2015; ROSENDAHL, 2012), tem definido as atividades que devem ou não compor o quadro de rituais sacros. Durante o papado de Leão XIII (1878-1903) foi instituída a devoção a Sagrada Família (1883). Esta inferência papal restituiu o lugar central do sagrado nas pinturas, desenhos, encenações e monumentos referentes as representações natalinas, a ponto de causar também a mudança de perspectiva temática, como bem pode ser observado na figura do cartão natalino (Ver figura 5).

Na obra de Dürer o tema é a “Adoração dos Reis Magos”: o homem que se apresenta frente ao sagrado. A partir das novas orientações quanto devoção a Sagrada Família, as figuras de Maria, Jesus e José (que não apareciam nas artes antigas) ganham destaque central. Os personagens dos Reis Magos são recuados para o segundo plano. Dessa forma, o reconhecimento, pelos participantes da pesquisa, da ilustração como sendo o Nascimento de Jesus e ou o Presépio é mais que significativo. Este jogo de aparece-esconde é próprio das FSREs, que asseguram, de acordo com Bourdieu: “a produção, a reprodução, a conservação, a difusão dos bens religiosos” (2015, p. 40). Apresentamos na figura 07 um quadro para sintetizar as comparações acima levantadas.

Elementos	Pintura de Dürer (1504)	Cartão Natalino
Composição	Adoração dos reis magos	Nascimento de Cristo
Centralidade	Reis magos, idades diferentes, um negro, dois brancos.	Mãe (jovem), pai e criança deitada na manjedoura.
Recuo	A esquerda: Mãe (senhora) e criança no colo da mãe.	A esquerda: reis, de idade próxima e da mesma etnia.
Eixos: linhas	Dois triângulos superpostos	Três magos, família sagrada

imaginárias (tríades)	com ápice invertidos, um formado pelo desenho dos três reis e outro pelo desenho dos magos e Maria e Jesus; juntos formam uma estrela; três presentes.	(pai, mãe e filho), estrela, três carneiros, três presentes.
Contraste	Vestido de Maria azul escuro e lenço branco. Reis magos sem turbantes, cores vibrantes (alegria).	Vestido e manto azul claro celestial. Reis magos com turbantes; equilíbrio das cores (suavidade).
Efeitos visuais	Os olhares dos personagens estão todos dispersos.	Todos os olhares se voltam para a criança, que não olha para ninguém.
Recorte	Autorretrato de Dürer na figura do rei mago Melchior, postado de pé no plano central.	José (pai), criança (pastorzinho), carneiros, pombos e estrela.

Figura 07- Quadro comparativo entre a obra de Dürer e o cartão natalino

Fonte: organização da autora (2018).

As composições das duas figuras sofreram transformações ao longo dos cinco séculos que as separam. No entanto, essas (re)invenções casualidades ou simples modismos estilísticos. Elas, como FSREs natalinas, possuem elementos que: “foram incorporados à liturgia da Igreja, foram expulsos dela e, de novo foram aos poucos reincorporados pelas portas abertas por algumas experiências de um *catolicismo de vanguarda*” (BRANDÃO, 1985, p. 131). Mas isso é uma outra linda história.

Evidente que a Igreja Católica concentrou a administração do sagrado, para tanto, como bem analisa Rosendahl na obra: “Primeiro a obrigação, depois a devoção” (2012), recorreu as estratégias de difusão e controle da fé. Este é um lado da história, a religião oficial. Por outro lado, a interpretação das FSREs apresentadas neste escrito nos levam a pensar que: “alguns rituais de ‘festas de santos’ não deixariam também como não dito que, para os devotos que os praticam o sagrado não estaria ‘aprisionado’ ou circunscrito aos limites dados pelos oficiantes da religião e sua porta-vozes” (MAIA, 2010, p. 99).

Palavras de Remate (à guisa de conclusão)

Os mistérios envoltos nas FSREs, para os devotos, garantem a transcendência (de forma consciente) para além dos tempos e espaços cotidianos. Sem os enigmas do sagrado, para o homem religioso, a vida torna-se vã.

Nesse escrito nossa tentativa foi a de exemplificar essa atitude de fé com base em duas FSREs: a Estrela que guiou os três magos do Oriente ao Ocidente ao encontro do menino Jesus e o Presépio, como representação espacial da teofania plena do sagrado. Como bem ensinou Geertz: “o homem precisa tanto de tais fontes simbólicas de iluminação para encontrar seus apoios no mundo porque a qualidade não-simbólica constitucionalmente gravada em seu corpo lança uma luz muito difusa” (2008, p. 33). Assim, o símbolo de uma estrela que nos guie em direção ao sagrado é uma necessidade inexorável ao homem religioso em tempos e espaços tão difíceis.

O sagrado, camuflado naquilo que não é, manifesta-se de forma parcial por meio da hierofania, para tanto recorre a uma estrela, gruta, caverna; e de forma plena, na teofania, quando para os cristãos Deus se fez homem entre os homens. Tanto a hierofania quanto a teofania são portadoras de encantamentos ao materializarem-se, naquilo que após revelado parece tão obvio: “e o lobo e cordeiro pastarão juntos e a comida de ambos terá o mesmo gosto da aurora”. Apenas para citar o sonho do profeta de Isaías e do poeta de Thiago de Melo.

Talvez daqui há 500 anos ao olharem um cartão, uma fotografia ou uma figura natalina, as pessoas não façam as relações que tecemos neste momento. O que vemos hoje, parecerá tão estranho, tanto quanto o estranhamento provocado pela a pintura de Dürer de 500 anos atrás. Mas fica um desejo, daqui há 500 anos, quando os fogos de artifícios pulularem na imensidão celestial as pessoas serão arrebatadas pela sensação inexplicável da presença do sagrado. Esta reminiscência nos conecta aos primórdios e ao futuro. Ao longe, num rincão distante, as Folias de Reis, com bandeiras, batuques, rezas e cantorias, seguirão a procura do Menino Deus, guiados pela Estrela. *Somnium ipso*.

NOTAS

* Doutora em Geografia, pela Universidade Federal de Goiás, Professora da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus Rolim de Moura. Pós-Doutoranda na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, sob a supervisão da Profa. Dra. Zeny Rosendahl. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura - NEPEC. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas de Espacialidade Amazônicas - GEAM/UNIR/RO.

¹ Ao consideramos as formas simbólicas religiosas (FSREs) como definidoras de espacialidades temos por pressuposto a compreensão de que a religião propiciou ao homem primitivo a elaboração de ideias sobre espaço, tempo, gênero, número, causa, substância, personalidade e outras. Como afirma Durkheim: “quando analisamos metodicamente as crenças religiosas primitivas, encontramos, naturalmente, as principais dessas categorias. Nasceram da religião; são produto do pensamento religioso” (2008, p. 38). Essa tese é partilhada por Eliade: “as concepções metafísicas do mundo arcaico nem sempre foram formuladas numa linguagem teórica; mas o símbolo, o mito e o rito exprimem em planos diferentes e com meios que lhes são próprios, um complexo sistema de afirmações coerente sobre a realidade última das coisas, sistema que podemos considerar uma metafísica” (1988, p.17).

² Na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, a Árvore da Lagoa Rodrigo de Freitas durante vinte anos (1996 a 2016) foi considerada uma das maiores do mundo entre as árvores flutuantes. Em 2013 alcançou a máxima de 85 metros com mais de 3 milhões de microlâmpadas. Em 2016 as estruturas da árvore foram transferidas para o Barra Shopping. Na edição deste ano (2018), a árvore será montada com 65 metros de altura.

In: <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81rvore_de_Natal_da_Lagoa_Rodrigo_de_Freitas>

³ Nesse ensaio o autor satiriza a cultura americana e os estudos antropológicos da época, que consideravam a magia e os ritos elementos apenas da cultura dos povos não-ocidentais. Para saber mais, ver o texto na íntegra

In: <<http://ricardoartur.com.br/cultura/files/2013/03/O-Ritual-do-Corpo-entre-os-Sonacirema.pdf>>

⁴ O sentir-se confiante na presença do espaço sagrado é uma das ideias defendidas por Durkheim, para ele o homem primitivo não é apoderado pelo sentimento de medo, dependência ou de fraqueza frente ao sagrado. Pelo contrário: “o que se encontra na raiz do totemismo são, definitivamente, sentimentos de leda confiança mais que de terror e de repressão” (1989, p. 280).

⁵ O Barra Shopping, inaugurado em 1981, está localizado na Barra da Tijuca, Avenida das Américas. Possui mais de 700 lojas entre comércio, serviço e entretenimento. É um dos mais populares shoppings da cidade do Rio de Janeiro. Por mês, o local é visitado, aproximadamente, por 2 milhões de pessoas. O empreendimento foi eleito “Marcas dos Cariocas”, como símbolo presente no coração dos cariocas. In: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Barra_Shopping>.

⁶ Minha primeira intuição era realizar a pesquisa no interior de uma livraria, pois acreditava que nesse local encontraria um público que ao gostar de ler estaria disposto a colaborar com a pesquisa. No entanto, fui impedida pelos responsáveis do estabelecimento, aborrecida ao ser convidada a me retirar da livraria, mas sem desanimar da empreitada, decidi desenvolver a atividade com os transeuntes do shopping, nas passarelas e corredores. O que acabou proporcionando a pesquisa uma abrangência social maior do que num espaço circunscrito apenas a leitores. O sagrado estava a meu favor, e queria ser visto por outros.

⁷ O historiador Hobsbawm na obra: “A invenção das tradições” propõe que: “muitas vezes, ‘tradições’ que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não inventadas” (2014, p. 7). Porém, o conceito de invenção não pode ser entendido como julgamento de valor, como algo mentiroso ou irreal, mas pelo contrário, por tradição inventada, de acordo com o autor: “entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas, tais práticas, de natureza ritual ou simbólicas, visam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição” (2014, p. 8).

⁸ Em outro artigo intitulado: “Andanças, sentimentos e emoções: o rosto humano do sagrado nas folias de reis” analiso os sentimentos e emoções como elementos fundantes para a disseminação e perpetuação do sagrado para os devotos dos Santos Reis.

Disponível em: <http://neer.com.br/coloquio/anais-do-evento/>. Acesso em 10 de nov. de 2018.

⁹ Na obra “O mito do eterno retorno” (1988), dos quatros capítulos, três são reservados por Eliade para análise em profundidade da passagem do tempo mítico para o tempo histórico, e como o homem

religioso se resignou a conduzir sua vida em função do tempo histórico linear. O tempo cronológico retirou qualquer possibilidade de liberdade do homem arcaico, e por seu turno jogou o homem moderno no poço sem fim do desespero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONNEMAISON, Jöel. Viagem e torno do território. Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Geografia cultural: uma ontologia*, Volume 1. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*: introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memórias do sagrado*: estudos de religião e ritual. São Paulo: Paulinas, 1985.

BURKE, Peter. *O renascimento*. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2008.

CARBALLO, Cristina Teresa. Hierópolis como espacios en construcción: las prácticas peregrina en Argentina. In: ROSENDAHL, Zeny (org.). *Trilhas do sagrado*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem*: introdução a uma filosofia da cultura humana. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Florianópolis: UFSC, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Formas simbólicas e espaço*: algumas considerações. Aurora Geography Jornal. V. 1, p.11-19, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e simbolismo. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar a Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). *Olhares geográficos*: modo de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Formas simbólicas*: algumas considerações. Revista GEOgraphia, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro. Ano IX, Nº 17, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. Formas simbólicas espaciais: o shopping center. In: *Uma antologia*: volume II. EdUERJ, 2013.

ELIADE, Mircea. *História das crenças e das idéias religiosas*: da Idade da Pedra aos Mistérios de Elêusis (Tomo 1). Das origens ao Judaísmo (Vol. 1). Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*: arquétipos e repetição. Lisboa: Edições 70, 1988.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*: a essência das religiões. Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEERTZ, Clifford. *O saber local*: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 2009.

HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

LANDAU, Brent. *Os manuscritos perdidos dos reis magos*: um tesouro da biblioteca do Vaticano finalmente revelado. São Paulo: Matrix, 2013.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Ritual e emoção nas interações espaciais – repensando o espaço sagrado nas festas populares de romarias e folguedos (notas introdutórias). In: -ROSENDAHL, Zeny (org.). *Trilhas do sagrado*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

MORAES FILHO, Mello. *Festas e tradições populares no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

SANTOS SILVA, Avacir Gomes dos. Andanças, sentimentos e emoções: o rosto humano do sagrado nas folias de reis. In: *Anais*. VII Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações – NEER. Diamantina, 2018. Disponível em: <<http://neer.com.br/coloquio/anais-do-evento/>>. Acesso em 10 de nov. de 2018.

SOUSA, Márlon Marcos Pereira de. *Festa religiosa do Círio de Nazaré*: difusão da fé e geossimbolismos na cidade de São Luís (MA). Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço (PPGEO). Universidade Estadual do Maranhão, 2017.

ROHDEN, Cleide Cristina Scariatelli. *A camuflagem do sagrado e o mundo moderno*: à luz do pensamento de Mircea Eliade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

ROSENDAHL, Zeny. *Primeiro a obrigação, depois a devoção*: estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2012.

TORRADO, António. *No rastro das estrelas*: quando os três reis eram príncipes. Ilustrado por Lelis. São Paulo: Paulinas, 2010.

Web Grafia

ADORAÇÃO DOS REIS MAGOS. Disponível em: <<http://virusdaarte.net/durer-a-adoracao-dos-reis-magos/>>. Acesso em 14 de juh/2018.

AS MAIORES ÁRVORES DE NATAL DO MUNDO. Disponível em : <In:<https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81rvore_de_Natal_da_Lagoa_Rodrigo_de_Freitas>. Acesso em 30 de ago/2018.

A HISTÓRIA DA SAGRADA FAMÍLIA. Disponível em: <<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sagrada-familia/55/102/#c>> Acesso em 14 de juh/2018.

FILME NAÚFRAGO. 2001. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0fwXA0AmzA0>>. Acesso em 16 de jul. de 2018.

O RITUAL DO CORPO ENTRE OS SONACIREMA. Disponível em: <<http://ricardoartur.com.br/cultura/files/2013/03/O-Ritual-do-Corpo-entre-os-Sonacirema.pdf>>. Acesso em: 30 e ago/2018.

SCRIPTURES AND ARTS: THE RELIGIOUS SPATIAL SYMBOLIC FORMS OF FOLIES OF KINGS

ABSTRACT: THE CATEGORY OF SPACE WAS EARLY CONCEIVED WHEN THE HUMAN BEING HAD SET UP QUALITATIVELY THE DIFFERENCE BETWEEN THE SACRED AND THE PROFANE SPACE. HERE IS THE APPROACH THAT WILL GUIDES THIS PAPER WITH THE THEORETICAL EFFORTS OF ELIADE (2010), ROSENDAHL (2010), CORRÊA (2007, 2013) CASSIRER (1994) AND HOBBSAWM (2014). OUR CHALLENGE IS INTERPRETING THE SYMBOLIC FORMS THAT WE FIND IN THE RELIGIOUS TRADITION OF FOLIAS DE REIS. BETWEEN ALL THESE SYMBOLIC FORMS WE HAVE FOUND TO THE PRESENT ANALYSE “THE VISITATION OF THREE MAGES”, WHICH IT WAS REPRESENTED BY THE GOSPEL OF MATTHEW AND BY THE ALBRECHT DÜRER’S PAINTING (A GERMAN RENASCENTIST PAINTER IN THE 16 CENTURY). THE RE(INVENTIONS) OF THIS BIBLICAL PIECE HELP THE DEVOTEES OF SANTO REIS TO REUPDATE THE CHRISTMAS SPIRIT IN EVERY END AND START OF YEAR. THEY DO THEIR RITUAL GUIDED BY THE STAR WHILE THEY BELIEVE IN GOD’S HIEROPHANY AS A BOY.

KEYWORDS: SACRED SPACE. PROFANE SPACE. SYMBOLIC FORMS. FOLIA DE REIS.

SCRIPTURES ET ARTS: LES FORMES SYMBOLIQUES SPATIALES RELIGIEUSES DES FOLIES DES ROIS

RÉSUMÉ: LA CATÉGORIE DE L'ESPACE A ÉTÉ CONÇU LORSQUE L'HUMAIN A ÉTABLI QUALITATIVEMENT LA DISTINCTION ENTRE L'ESPACE SACRÉ ET L'ESPACE PROFANE. CELLE-CI EST L'APPROCHE QUI A GUIDÉ L'ÉCRITE DE CET ARTICLE À PARTIR DES CONTRIBUTIONS THÉORIQUES DE ELIADE (2010), ROSENDAHL (2010), CORRÊA (2007, 2013) CASSIRER (1994) OU HOBBSAWM (2014). NOTRE DÉFI C'EST D'INTERPRETER LES FORMES SYMBOLIQUES QUI FIGURENT DANS LA TRADITION RELIGIEUSE DES FOLIAS DE REIS. PARMI TOUS CES FORMES SYMBOLIQUES NOUS AVONS CHOISI CELLE DE "LA VISITE DES MAGES", DONT IL A ÉTÉ RETRAITÉ DANS L'ÉVANGILE DE MATHIEU ET DANS LA PEINTURE DE ALBRECHT DÜRER (PEINTRE DE LA RENAISSANCE ALLEMANDE DU XVIÈME SIÈCLE). LES RE(INVENTIONS) DE CET EXTRAIT DE LA BIBLE CONTRIBUENT POUR QUE L'ESPRIT DE NOËL SOIT RITUELLEMENT RENOUVÉLÉ À LA FIN ET AU DÉBUT DE CHAQUE ANNÉE PAR LES PIEUX DES SAINTS ROIS MAGES QUI EN SONT GUIDÉ PAR L'ÉTOILE ET QUI EN CROIENT EN L'HIÉROPHANIE DE DIEUX À TRAVERS LE CORPS D'UN GARÇON.

MOTS-CLÉS: ESPACE SACRÉ. ESPACE PROFANE. FORMES SYMBOLIQUES. FOLIA DE REIS.